



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 19.4.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistado: Paulo Frassinetti de Oliveira

Responsável pela transcrição: Mayane Ranice Costa da Rocha (bolsista)

Carlos Gomes: Bom, boa tarde a todos, dizer da grande satisfação que nós temos recebendo hoje dois colegas ilustres: Dr. Josemá e Dr. Paulo Frassinetti então, iniciamos. Todos receberam a cópia da ata, alguma alteração a fazer? Se não há, considero aprovada a ata da secção anterior. Bom, já que os nossos convidados estão presentes nós iniciamos logo com as indagações a respeito da participação deles, eu até recebi, como sempre, todo final de semana, aliás, toda semana eu recebo e-mails violentos [risos] falando sobre a comissão da mentira e uma delas agora é um artigo eufórico de um militar dizendo que não é obrigado a comparecer porque na lei tem um termo intimar, é intimar? Notificar, e que notificar não obriga não sei o que, olhe a diferença da gente aqui, a gente faz convite, para quê notificar nem intimar? Convidem quem quiser vir, venha prestar esse serviço, então a nossa não está tendo tanta contestação.

Ivis Bezerra: E nós temos, estão sendo atendidos os convites.

Carlos Gomes: Atendidos, e pessoas tanto de um lado como quanto de outro, o que nós queremos exatamente é a busca da verdade. Agora, a verdade que nós estamos buscando aqui não é tão ampla, é verdade o que circula que se contém nas cercanias da Universidade, entretanto, nós aqui não fazemos oposição a qualquer declaração e as

peças querem dar mesmo o fora do âmbito da Universidade, aqui não há censura, certo? Então eu perguntaria, nós iniciamos com quem, como Paulo ou com Josemá [risos] quem foi na escala o primeiro anotado?

Ivis Bezerra: Paulo chegou primeiro e é discretamente mais antigo do que Josemá.

Carlos Gomes: Não é mais velho, mas é mais antigo.

Ivis Bezerra: Mas eu queria pedir a palavra, é só para dizer aqui aos companheiros bem mais jovens do que nós que eu estou tendo aqui uma satisfação muito grande de ter aqui nessa Comissão a oportunidade de ouvir dois grandes e fraternos amigos, meus companheiros Josemá desde o velho Atheneu [inaudível] 1955 a 57 e depois companheiro na política estudantil e também companheiro de vida e o Dr. Paulo Frassinetti de Oliveira, nosso Paulinho, que também fomos colegas durante todo o curso ele, começou um ano depois de mim, que é mais novo, e terminamos no mesmo ano. Eu tive a honra de durante a minha gestão como presidente da UEE coincidiu com a dele como secretário da UNE, que é a União Nacional de Estudantes, e eu recebi realmente para o desenvolvimento da minha função, além de outros grandes amigos, como Hélio Vasconcelos Natánias [inaudível], mas a orientação para um bom desempenho das funções, que na época pela nossa juventude era um desafio muito grande, mas, sobretudo, nós tivemos um convívio muito forte na política universitária, num modo geral, eu escapei por razões que acho que disse aqui, das perseguições e das prisões que eles sofreram, interromperam, Paulo já era bacharel em Direito, mas interrompeu sua carreira profissional. Josemá interrompeu o curso.

Josemá de Azevedo: É, mas não cheguei a perder.

Ivis Bezerra: Sim, interrompeu um pouco o curso, estão aqui para dizer a verdade, lembrar a verdade, que é o objetivo da Comissão Nacional e de todas as outras, mas que para mim é uma recordação de um tempo que foi muito importante para o país nós fomos contemporâneos de um período a partir de 1957 e 1958 em que o país viveu uma efervescência muito grande não só política, cultural [inaudível] e eu quero desejar as boas-vindas e eu tenho certeza que nós vamos ter aqui nesses depoimentos mais uma grande contribuição para o objetivo principal da Comissão da Verdade, que é não deixar que as gerações atuais e as futuras esqueçam esse momento que o Brasil passou e tenho

uma convicção que dificilmente voltará, e esse ato que o Brasil... O governo brasileiro e a cidadania brasileira fez instalando a Comissão, ela tem essa finalidade.

Carlos Gomes: Muito bem, eu queria logo de antemão dizer que vou solicitar ver se é possível o professor Iaperi comparecer na terça-feira, vamos insistir. Agora eu queria também, juntamente com o professor Iaperi, que fosse convidado a prestar seu depoimento o professor Ivis Bezerra, também na terça-feira, se ele puder.

Almir Bueno: Você está sendo convidado.

Carlos Gomes: É! [risos]. Convidado. E na sexta-feira vamos tentar novamente Roberto Furtado e Gileno Guanabara e eu gostaria que alguém me localizasse Ivaldo Caetano. Não tenho a mínima noção onde ele está, eu não sei, seria interessante vamos ver se é possível a gente conseguir. Eu estou ficando apreensivo porque o tempo está passando, mas a gente não está parado, infelizmente aqui ou ali uma pessoa não pode vir. Então fica mais ou menos marcado: terça-feira o professor Ives Bezerra, Iaperí Araújo e na sexta Gileno Guanabara e Roberto Furtado podendo também Ivaldo se, for localizado. Pois não, professor Almir.

Almir Bueno: Só aproveitando também a onda dos convites, é só lembrar, eu sei que o senhor esqueceu e tenta, mas eu acho que está chegando assim o momento que a gente deveria ouvir os ex-reitores, eu acho que a gente poderia também agendar com antecedência aqueles, né? Os vivos.

Carlos Gomes: Eu explico porque eu ainda não os convoquei, porque existe um processo que tem uma relatoria a respeito do Rinaldo e do Alberto e eu gostaria que me fosse informado se estão concluídos para que aí a gente possa chamar os reitores, aí a gente tem o que colher deles, a respeito dos fatos específicos, certo? Mas, serão... Eu não sei se vale apenas a gente chamar assim dois reitores no mesmo dia.

Ivis Bezerra: Esses fatos envolvem dois reitores distintos.

Carlos Gomes: Envolvem. Envolve Diógenes no de Alberto. O outro não, o outro foi no tempo de Genário.

Patrícia Wanessa de Moraes: Diógenes foi o advogado de Rinaldo.

Carlos Gomes: Foi, inclusive era interessante por isso porque ele é o advogado de Rinaldo, a gente pode perguntar a ele por que é que ele não explorou na justiça o fato do pedido do título dele de ser nomeado. Então, vamos ao nosso trabalho solicitando a participação de Paulo Frassinetti de Oliveira. Como nós estamos gravando, Paulo você apenas se qualifica, dizendo onde você está dentro desse contexto e em seguida nós faremos as indagações, aliás, em suas considerações iniciais, diga, minha filha.

Patrícia Wanessa de Moraes: [Inaudível]

Paulo Frassinetti de Oliveira: Boa tarde, senhores e senhoras e meus jovens integrantes desta Comissão. Acredito que foi motivo de muita satisfação para mim, porque não dizer de muita honra para eu ser convidado para estar aqui presente. Me chamo Paulo Frassinetti de Oliveira, nasci em Natal minha vida estudantil foi muito agitada e culminou, inclusive, na minha eleição para diretor da UNE e depois passei pelos cárceres da Ditadura de 64, de modo que estou aqui à disposição de todos vocês para qualquer dúvida que haja a respeito do movimento de 64 em relação a mim e voltar a dizer que estou muito satisfeito de estar aqui, muito à vontade. Estou à disposição de todos.

Carlos Gomes: A nossa indagação inicial é exatamente para que você faça uma cronologia da sua atividade na vida estudantil. Você disse genericamente pela sua exposição rápida, mas que você detalhasse quando começou qual a função que você ocupava nessas atividades e quando começou a sofrer as perseguições principalmente quando adentrar no âmbito da Universidade.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Eu comecei a minha vida estudantil, minha participação na política estudantil, já no ano de 1955, quando eu saí do velho Atheneu para o Instituto de Educação no quarto ano ginásial, se não me engano como vice-presidente do Diretório Estudantil Celestino Pimentel. O presidente era Denivaldo Azevedo, isso em 55 a 56, terminei o curso ginásial, fiz o então curso clássico também no Atheneu. Era o clássico que existia, era o clássico e o científico. Eu fui fazer o clássico, terminei o clássico em 58 de 59 de janeiro, fiz vestibular para a Faculdade de Direito de Natal, fui aprovado e me matriculei no primeiro ano em 59, no segundo ano já comecei a participar da política estudantil na política universitária no Diretório Acadêmico Amaro Cavalcante quando me integrei na campanha do estudante José Willington Arcoveia de Pinto para o presidente do diretório, que era da minha turma e coincidentemente o

opositor também era da minha turma, era o Dr. Diógenes da Cunha Lima. Foi uma campanha muito limpa, muito dura, em que já se colocava em mesa as divergências ideológicas. Basta dizer que José Willington que era o candidato da esquerda e foi eleito por um voto de diferença.

Carlos Gomes: José Willington ganhou?

Paulo Frassinetti de Oliveira: José Willington, por um voto de diferença. Isso foi em 60, foi no segundo ano, em 61 fui participar como representante do Rio Grande do Norte num Congresso Nacional dos Estudantes em Niterói. Nessa época, nos tínhamos um representante na diretoria da UNE, que era o Dr. Natánias Ribeiro Junior e nesse tempo eu estava no segundo e ele estava no terceiro. Não, eu estava no terceiro e ele estava no quarto e o mandato de Natánias terminou no congresso de Niterói em junho de 61, em julho de 61. Eu então fui eleito secretário da UNE e Natánias terminou o seu mandato, não era obrigado não ter um representante do Rio Grande do Norte não, que eram 10 casos só de executiva na diretoria, apenas como nossa atuação no Rio Grande do Norte. Era muito consistente, nós tivemos o privilégio de durante dois anos ter representantes na UNE. Então eu fui eleito secretário da UNE no congresso de Niterói em junho de 1961.

Carlos Gomes: Junho ou Julho?

Paulo Frassinetti de Oliveira: Junho [inaudível]

Ivis Bezerra: Ele falou aí que a posição do Rio Grande do Norte era muito destacada, isso se deve em parte ao próprio Natánias, às qualidades que ele tinha, era um grande articulador porque já saiu daqui unida, foi uma união da Faculdade de Direito, que era uma faculdade que tinha um peso muito grande e que uniu também a união na UEE.

Josemá de Azevedo: Só complementado, eu acho que ele não se lembra disso. Eu também fazia parte da delegação, e fui eu o responsável por lançar o nome de Paulinho como candidato do Rio Grande do Norte. Eu fui porta-voz.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Realmente, estou lembrado agora, e desculpe, realmente foi você que lançou [inaudível] Então eu fui eleito em junho de 61, se não me engano poucos dias antes da renúncia de Jânio, nos éramos obrigados por Injunção Estatutária a residir no Rio e eu fui morar na sede da UNE na Praia do Flamengo, 132, ficava no

prédio que tinha pertencido à embaixada Alemã e tinha sido incorporada ao Ministério de Educação depois da guerra e lá atrás ficavam os alojamentos dos diretores, poucos dias depois houve a renúncia de Jânio, onde foi a prova de fogo da diretoria porque Carlos Lacerda era o governador da Guanabara e aproveitando a crise da renúncia de Jânio, que Jânio estava na China. Então estava se preparando um golpe de estado, a polícia cercou a UNE para nos prender, e houve o fato que, não sei se Josemá se lembra disso, o comandante do primeiro distrito naval era o comandante Aragão. Era um sujeito muito integrado com as forças progressistas e Aldo Arantes era o presidente, falou com ele dizendo que a UNE estava assim e que nós iríamos ser presos e Aragão manda um destacamento do corpo fuzileiros navais do Rio de Janeiro para evacuar as forças da polícia militar. Foi um espetáculo inesquecível, os fuzileiros navais cercaram os soldados da polícia militar e houve um diálogo entre o comandante da patrulha dos navais com a polícia e a polícia evacuou. Então houve esse primeiro choque com as forças, a repressão... depois insistiram de nos prender, o Coronel Arnovinho, que era o chefe de polícia conhecido como arbitrário, foi lá para nos prender depois desse episódio. Aliás, quero fazer uma reserva, antes disso, nós fomos obrigados a sair na crise de Jânio do Rio de Janeiro porque as ameaças eram constantes e fazer uma campanha pela democracia pedindo a posse de Jânio, que estava na China e então Aldo Arantes, que era o presidente, era goiano, foi para o Rio Grande do Sul. Ficou com Brizola.

Ivis Bezerra: Todos os presidentes das uniões estaduais foram mobilizados. Eu fui para Porto Alegre solidarizar-me com a campanha da legalidade.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Essa foi a primeira prova de fogo, eu vou ler só um trecho que vou deixar... “Na UNE não demorou muito que eu enfrentasse uma prova de fogo com um dos dirigentes com a renúncia do presidente Jânio. Saímos às pressas numa madrugada fria eu e mais três diretores e fomos nos refugiar na residência de um colega carioca no bairro do botafogo, de onde posteriormente fomos eu e um vice-presidente Roberto [inaudível] do Amaral vieira do Ceará. A UNE cotava com quatro presidentes para a cidade de Goiânia e fomos nos hospedar na residência do pai do presidente Aldo Arantes. O Brasil começava a enfrentar uma crise de grandes proporções, pois os militares não queriam aceitar a posse do vice-presidente João Goulart. Os diretores da UNE foram deslocados por várias partes do Brasil com o objetivo de apoiar a luta que se iniciava no Rio Grande do Sul para onde Aldo Arantes

viajara tendo à frente o Governador Leonel Brizola, que instalou o estado da legalidade”. Foi então que houve uma proposta de constitucional para que houvesse um consenso de permissão para Jânio assumir a presidência, mas de um regime parlamentarista e essa proposta nós não aceitamos, mas foi vitoriosa para o congresso por uma Emenda Constitucional. Foi quando Jânio veio e assumiu presidência da República com a posse do Primeiro Ministro, que era quem no regime Parlamentarista era o chefe do Governo e o presidente é o chefe do Estado. Eu acho que o primeiro Ministro foi Santiago Dantas.

Carlos Gomes: Era um grande jurista.

Paulo Frassinetti de Oliveira: E então houve uma parada breve de normalidade, mas as agressões começavam. [inaudível]

Carlos Gomes: Tancredo Neves entrou nessa também?

Paulo Frassinetti de Oliveira: Entrou, Tancredo Neves foi depois de Santiago Dantas. Foi o Primeiro Ministro, certo? [inaudível]

Ivis Bezerra: Eu queria lembrar aqui aos jovens a força do movimento estudantil na época, [inaudível] o Presidente Aldo Arantes e o vice-presidente Alberto Amarão ambos foram deputados federais no período da redemocratização, logo em seguida a essa diretoria José Serra também fez carreira política.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Bom, em 62 encerrou meu mandato coincidentemente com as comemorações dos 25 anos de fundação da UNE, em 1962. E ela foi fundada em 1937 e nós fizemos um Congresso que ficou na história, um congresso nacional de estudantes no Hotel Quitandinha. E antes do término, dois dias antes, eu viajei com mais três diretores da UNE para representar o Brasil no Encontro Internacional da Juventude na Paz e Amizade entre os Povos, em Recinto, na Finlândia. Fomos eu e mais três diretores: Frederico Brandão, do estado do Maranhão, Birajá Caetano, do estado de Goiás, e Adalberto Pinto, de Sergipe. Passamos dez dias participando desse Encontro. Foi muito bonito, me lembro que participou na delegação artistas brasileiros dentre eles Jorge Goulart e Nara... Se apresentaram lá, terminado o encontro fui à Tchecoslováquia e n Rússia, passamos mais uma semana e em agosto regressei a Natal em agosto de 62. Reiniciei os estudos e concluí o curso em 1963, com a chamada “turma da paz”. Minha turma é de 63, mas colou grau dia 7 de março de 1964 vários porque vários estudantes

ficaram em segunda chamada, inclusive eu, porque estava na UNE. Eu, como diretor da UNE, tinha direito as faltas abonadas então eu e mais uns ficamos pra colar grau em março. A turma resolveu colar grau todo mundo junto, minha turma era muito heterogênea. Tinha Diógenes da Cunha Lima, muito conservador, e nós éramos de esquerda. Tinha José Willington, Humberto Brandão, Tereza de Brito Braga, Berenice de Freitas, todos formados. Muitos de esquerda. Os progressistas eram mais numerosos, mas fizemos um acordo colocamos como patrono Nikita Khrushchev, John Kennedy, dos Estados Unidos, e João XIII, que era o Papa. Denominamos a turma de “turma da paz”. Concluiu aí a minha participação no meio estudantil. [inaudível]

Paulo: Quando estava na UNE o colega Ivis Bezerra era Presidente Estadual da União dos Estudantes e organizou aqui em Natal o 4º CLAE, IV Congresso Latino-americano de Estudantes. Foi um conclave muito importante e deu muito trabalho. Basta dizer que eu fui com Ivis à base aérea, vieram várias delegações e nós não tínhamos como hospedar todo mundo num hotel, então eu fui com Ivis na base aérea e o estudante Melendez, que era secretário da União Estadual do Conselho de Praga, e nós fomos falar com o Brigadeiro, para ver se conseguimos hospedar uma delegação

Ivis Bezerra: Na época Coronel.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Resultado: nós fomos expulsos da Base [risos] [inaudível] nós hospedamos em colégios, em colchonetes no chão. Quero também, voltando à UNE um pouquinho, para depois encerrar minha participação, que eu estava esquecido, por isso que eu anotei aqui... a UNE em 62 liderou um movimento nacional conhecido como “a greve de um terço” e o que nós reivindicávamos era a participação de um terço dos universitários no conselho universitário e nós queríamos que um terço fosse de estudante, então nós fizemos um movimento nacional aqui. Eu digo, nesse mesmo ano a UNE liderou um movimento nacional que ficou conhecido como “a greve de um terço” reivindicando o aumento de um... dos representantes de alunos nos conselhos universitário, que na oportunidade foi fundado o centro de culturas populares integrado por intelectuais, atores teatrais, cantores e... infantis dele participaram figuras notáveis em início de carreira como Cacá Diegues, Nara Leão, Odoalvo Viana Filho... juntamente com diretores da entidade universitária, formou-se uma caravana denominada como a UNE volante, que percorreu todo o país com apresentações de

peças teatrais pelo CPC – Centro Popular de Cultura promovendo palestras filmes e shows tendo como bandeira o aumento da participação nos centros universitários.”

Ivis Bezerra: Só para lembrar uma coisa: essa participação no evento do Centro Popular de Cultura foi responsável pela prisão de muita gente após 64, até porque já estava próximo o golpe e a repercussão foi muito grande e era na realidade um movimento cultural.

Almir Bueno: Em primeiro lugar agradecer sua participação do Dr. Paulo não conhecia pessoalmente, mas já tinha ouvido falar e na sua intervenção eu não posso deixar de mencionar isso quando o senhor falava da UNE da ida ao Rio de Janeiro ficando La na sede da UNE eu tenho uma recordação pessoal em relação ao prédio da UNE que eu participei do movimento que eu entrei na universidade em 77 e fiquei até 81 eu participei do congresso de reconstrução da UNE em Salvador em 79, mas no começo dos anos 80 como eu era diretor do centro acadêmico de história da USP do movimento em defesa do prédio da UNE que estava para ser derrubado então agente foi para lá, na sua intervenção a gente acaba também lembrando questões pessoais , mas só para concluir em relação para o depoimento aqui na Comissão, então sua participação no movimento estudantil foi anterior ao golpe ?

Paulo Frassinetti de Oliveira: Com o golpe eu já tinha concluído o curso.

Carlos Gomes: Você já era universitário?

Paulo Frassinetti de Oliveira: Já era universitário.

Almir Bueno: Em relação à participação estudantil aqui na Universidade pós-golpe, o senhor só teria conhecimento a partir informações através de outros?

Paulo Frassinetti de Oliveira: Depois da minha formatura não tive mais nenhuma participação do movimento estudantil.

Ivis Bezerra: Só para lembrar que toda repressão que ele sofreu foi em decorrência da atuação como dirigente do movimento estudantil.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Só um detalhe para concluir: minha participação estudantil nessa época de Lacerda. Nós fomos, de madrugada, despertados por rajadas de metralhadoras. Então saímos e encontramos a UNE com os vidros da UNE todos

metralhados Casa dos Lacaos de Moscou, MAC – Movimento Anticomunista, esse é um detalhe... Bom, essa foi minha participação no movimento estudantil.

[Pessoas conversando]

Carlos Gomes: Quando houve o golpe, você então deixou de militar no movimento estudantil. Você foi procurado devido a sua experiência?

Paulo Frassinetti de Oliveira: Eu era procurado sim para conversar, os jovens conversavam comigo sobre o movimento estudantil ou qualquer dúvida que eles tinham, mas a participação ativa nós não tínhamos.

Carlos Gomes: Agora eu gostaria que você relatasse alguma coisa dos seus direitos violados na prisão.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Como eu afirmei no início, minha formatura ocorreu no dia 7 de março de 64, poucos dias depois, no dia 13 de abril, eu fui preso. Não tive nem tempo de começar a exercer minha advocacia.

Carlos Gomes: Não foi a primeira vez que você foi preso.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Foi a primeira vez. [inaudível] eu meu irmão Guaraci Queiroz fomos presos e quando eu cheguei em casa, no dia 13 de abril, tinha um jipe do Exército com dois tenentes e um sargento, um tenente eu me lembro bem, que era o tenente Aramici. Baixinho, um cara muito distinto e o outro me esqueço do nome agora, ele era casado com a filha de um Coronel da Polícia de Natal, Zélia Pinheiro, seu pai era o Coronel Celso Pinheiro, Aramici era o segundo Tenente, um cara muito educado. Esse outro casado com Zélia era o primeiro Tenente e quando eu cheguei em casa meu pai e minha mãe apavorados eles já tinham tirado meus livros, tinham virado minha estante e mamãe chorando. Aí eu digo o que foi que houve: “o senhor está convidado a ir no 16 RI prestar um depoimento” e diante do choro da minha mãe esse Tenente disse: “minha senhora, fique tranquila, ele só vai prestar um esclarecimento porque se fosse em Cuba ele ia para o paredão, mas aqui ele só vai prestar esclarecimentos”. Não me esqueço do nome dele: Tenente Gondim. Era o marido de Zélia. E então eu fui para o 16 RI para os esclarecimentos, e esses esclarecimentos demoraram a ser prestados durante nove meses e quinze dias, nesse ínterim. Sim, quando eu fui preso, quando eu voltei do Rio, eu fui convidado pelo vice-prefeito Luiz Gonzaga dos Santos, que pela lei orgânica do

município da época era o presidente da Câmara Municipal, para ser seu chefe de gabinete. Ele tinha sido eleito com Djalma Maranhão. Isso em 31 de março, e eu fui ser o chefe de gabinete dele logo que cheguei aqui de volta do Rio.

Ivis Bezerra: Não foi antes de você ir pra UNE?

Paulo Frassinetti de Oliveira: Era, exatamente

Ivis Bezerra: Eu o substituí.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Isso foi em 61, quando eu fui pra UNE. Durante três meses e poucos dias eu fiquei no 16 RI que era o lugar, mas, havia um clima de terror lá devido ao comandante Enio de Albuquerque Lacerda ser de lá, então eu passei três meses presenciei torturas terríveis, mas não sofri nenhuma tortura física e nessa época nós ficamos no corpo da guarda com quase vinte presos eu, Djalma Maranhão, Luiz Gonzaga dos Santos, vice-prefeito, Luiz Gonzaga de Souza, diretor do Correio, Hélio Vasconcelos, Carlos Lima, Josemá teve comigo depois porque havia um revezamento. Eu fui pro RO e muita turma foi para o 16 de lá, fui pra polícia e dela eu fui para o RO. As torturas mais cruéis eram feitas com as pessoas mais humildes geralmente camponeses. Conosco, nem eu, Carlos Lima, Hélio Vasconcelos, ninguém sofreu tortura física.

Carlos Gomes: Mas psicológica?

Paulo Frassinetti de Oliveira: Ah, muitas.

Josemá de Azevedo: Inclusive a gente ouvia os gritos, uma das coisas que a gente... eu fui dessa época, a gente instruía os companheiros: “quando estiverem sendo torturados gritem”, gritar como uma forma de denunciar.

Paulo Frassinetti de Oliveira: E nós saíamos para depor na Comissão do Lacerda, nós saíamos algemados, todos algemados, e até uma vez que eu saí para tomar uma injeção, eu estava doente, eu fui algemado. Foi quando minha mãe sofreu, foi muito humilhada nesse dia lá. Eu, devido à comida lá do 16 RI, que além de péssima, eles faziam o seguinte: colocavam a bandeja no chão, deixavam esfriar. Quando estava fria servia a gente e eu tive uma intoxicação e chamaram um médico lá do 16, era o Capitão Dourado, um cidadão muito decente, muito correto, e o capitão Dourado me examinou e disse: “você está com uma intoxicação muito forte, não pode comer essa comida daqui.

Você tem condições de mandar uma pessoa da sua casa trazer frutas pra você. Eu disse: “vou tentar”. Aí ele receitou e autorizou e tinha um cabo da guarda, um motorista, que ouviu a conversa aí disse: “eu vou na sua casa”. Aí foi lá em casa, mamãe preparou uma cesta com verduras e frutas e foi com esse cabo deixar. Quando ela chegou lá infelizmente o oficial do dia era um Tenente psicopata, não sei se você conheceu o Tenente Calado, era um nazista. Inclusive o tipo dele era de um nazista frio, era o homem de confiança de Ênio Lacerda. Então, quando minha mãe foi me entregar, me chamaram lá no corredor para receber. Eu estava recebendo quando Calado chegou e disse: “o que é isso?”. Minha mãe disse: “isso é frutas, meu filho está doente e Dr. Dourado autorizou trazer”. Ele disse: “Cadê a autorização?”, minha mãe tinha deixado em casa. Ele levantou o dedo na cara da minha mãe e disse: “a senhora é uma mentirosa. Vá embora daqui antes que eu prenda a senhora por estar mentindo, querendo que seu filho tenha regalias aqui”. Minha mãe era uma mulher de quase sessenta anos e isso aí foi horrível. Então essa passagem do 16 RI, que você falou sobre as torturas, teve essa pressão psicológica, sair para tomar uma injeção algemado isso aí mexe. Bom, passou tudo bem, eu saí por força de um *habeas corpus*. Sim, nesse ínterim, eu fui denunciado juntamente com meu irmão, mais Helio de Vasconcelos e Moacyr de Góes na Sétima Auditoria Militar, em Recife, eu fui enquadrado na Lei de Segurança Nacional, conhecida Lei 1802. Fui denunciado nos artigo 2º, item 3º, Artigo 9 e Artigo 10 e 12 da Lei de Segurança Nacional. O artigo 2º do item 3º aludia na tentativa de mudar a ordem política e social do país estabelecida na constituição federal mediante a ajuda do Estado e de organização estrangeira e previa a pena de reclusão de 15 a 20 anos para os cabeças e de 10 a 20 anos para os demais. Segundo artigo 9º penalizava quem tentasse reorganizar partido político ou organização dissolvida por lei, artigo 10º referia-se à hipótese de ajudar a essas entidades de partido político ou organização de qualquer forma. Condenação de 1 a 4 anos de reclusão. E o Artigo 12 previa pena de reclusão de 6 meses a dois anos a quem excitasse ou ajudasse de qualquer forma a essas instituições. Então, meu advogado era meu compadre saudoso Carlos Antonio Varela Barca, ele impetrou um *habeas corpus* juto ao Superior Tribunal Militar pedindo minha exclusão do processo e de Guaraci, meu irmão, por falta de justa causa e o relator do meu processo foi o General Orlando Geisel, era o irmão de Ernesto Geisel e concedeu por unanimidade a ordem e me deram a certidão: “Em cumprimento ao despacho do Ex. Sr. Dr. Auditor Primeiro substituto pelo exercício Carlos Antonio Varela Barca certifico que os civis Paulo Frassinetti de Oliveira, Guaraci Queiroz de

Oliveira, Moacyr de Góes e Heider Toscano de Moura, que via foram denunciados nos artigos tais” – que eu havia falado – “certifico mais que Paulo Frassinetti de Oliveira e Guaraci Queiroz de Oliveira também estavam denunciados nos artigos tais” – que eram os outros que eu falei aqui – “os quais foram do mesmo modo excluídos por *habeas corpus* do Superior Tribunal Militar conforme documentos existentes nos autos do processo acima referidos”. Bom, com base nisso, o Varela Barca requereu minha reintegração ao cargo na prefeitura. Esse é outro episódio que eu faço questão de ficar gravado, eu era funcionário efetivo da Prefeitura de Natal e o Ato Institucional nº 1 dava poderes aos governadores dos estados de demitirem ou aposentarem os funcionários da prefeitura que tivessem participado de alguma atividade subversiva, desde que fossem ouvidos por uma comissão especial para esse fim e essa comissão tivesse solicitado essa punição, essa prerrogativa, que era dado ao governo e aos governadores do estado. Foi só durante seis meses, ela expirou no dia 9 de outubro. Então, o que aconteceu, eu fui demitido 9 de outubro sem ser ouvido pela comissão. Fui demitido pelo governador Aluizio Alves, que da mesma forma demitiu todos que era ligados ao prefeito Djalma Maranhão procurando assim as benesses dos militares de plantão diante disso. Quando eu fui absorvido pelo Tribunal Superior Militar meu advogado propôs uma ação de reintegração do cargo, eu fui julgado a procedente, eu fui reintegrado no Juizado da 7 ° Vara da Fazenda e era fiscal de renda em 71 quando eu fui reintegrado, quem me reintegrou por força judicial foi o prefeito Jorge Ivan Cascudo Brito, fui nomeado procurador do município e como procurador me aposentei no município e passei a advogar. Advoguei durante vários anos e hoje quando me perguntam da minha profissão digo que é profissão de advogado de final de carreira e terminei minha trajetória agitada no mundo político.

Carlos Gomes: Eu escrevi um livro sobre a história da OAB e nas atas há uma informação... aliás, diga-se de passagem, a OAB no ponto de vista político era extremamente omissa, agora, a única vez que a OAB tomou posição foi no movimento de 74 nomeando uma comissão para ser um elo entre os presos e as famílias. Sobre isso se você souber alguma coisa...

Paulo Frassinetti de Oliveira: A OAB, quando eu estava preso, se limitou a mandar um advogado, Dr. Túlio Fernandes, a uma visita nossa e não passou disso. Eu, como advogado, tive a honra de exercer dois mandatos: o cargo de conselheiro da OAB do

Rio Grande do Norte e também por dois mandatos o cargo de conselheiro federal da OAB.

Almir Bueno: Só a efeito de registro histórico, o senhor não fez nenhuma referência a sua participação em partido político. Na época, era militante ou filiado a algum partido político?

Paulo Frassinetti de Oliveira: Na época, quando eu fui secretário da UNE, a UNE tinha várias facções na diretoria política: tinha o Partido Comunista, era independente, e tinha UJC, eu participei da UJC – União da Juventude Comunista e aqui o grande representante era o Luiz Maranhão Filho.

Carlos Gomes: Uma curiosidade que eu acho importante e é de natureza histórica: me trace em poucas palavras o perfil de Luiz Maranhão Filho.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Luiz Maranhão Filho quem traçou muito bem foi a escritora... Luiz Maranhão é um cristão ateu, era um homem profundamente bom, um homem profundamente íntegro, era uma figura humana que mais me impressionou, correto, amigo dos amigos, não se afastava um milímetro da ética, foi deputado, foi preso, torturado, não denunciou ninguém. Quando eu estive no RO, fomos na Ribeira, ficamos na enfermaria todos os presos, eram uns 15 ou 20 e na entrada da enfermaria uma mão com óleo. Eu tive a curiosidade de perguntar e disse: “essa mão é de Luiz Maranhão porque na hora, quando fizeram o recreio do banho de sol, um certo dia” – mostraram eles – “fizeram um tapete de espinho de chique-chique e no final do tapete colocaram um tonel de óleo que eles usavam para o carro de trator lá no RO e sujo de óleo e jogaram água dentro. Uma carreta com corda pra pendurar Luiz Maranhão, fizeram Luiz Maranhão passar descalço sobre esse tapete e penduraram ele de cabeça para baixo. Aí dizia o Capitão Torquato, que era um dos torturadores do RO: ‘abra a boca filho da puta’. E Luiz Maranhão dizia: ‘abro não, gorilas filhos da...’. E mergulhavam Luiz Maranhão de cabeça para baixo, depois disso, Luiz, sem denunciar ninguém, o levaram para enfermaria”, onde tinha a mão dele lá, então Luiz Maranhão era essa figura, pra mim foi uma figura que muito me impressionou e muitas coisas eu procurei seguir o exemplo dele, muitas eu não consegui.

Ivis Bezerra: Eu quero pedir essa parte para dizer uma feliz coincidência: foi a mesma coisa que o Paulo disse, que o Luiz era um padre. É o maior elogio que um comunista

poderia receber. Eu tive oportunidade de dizer na entrevista de Juliano que eu fui aluno de Luiz Maranhão e ele nunca aliciou ninguém. Eu fui aluno dele num cursinho de marxismo, além do exemplo que ele me deu como professor também, me abriu os olhos para muita coisa.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Eu quero só encerrar com um detalhe aqui sobre Hélio Vasconcelos, a quem eu quero desejar minha homenagem. Ele quando estava preso estava sempre de bom humor.

Carlos Gomes: Você tem a palavra para as considerações finais.

Paulo Frassinetti de Oliveira: Como eu disse no início, me sinto muito satisfeito e muito honrado pelo convite que me foi feito pelo Dr. Ives de depor, prestar esclarecimento nesta Comissão. Quero agradecer a paciência e tolerância que vocês tiveram comigo e dizer que não esquecerei jamais desse dia, esse dia vai ficar marcado também.